

Desdobramentos da Educação Física Escolar e Esportiva

Adalberto Ferreira Junior
(Organizador)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Adalberto Ferreira Junior
(Organizador)

Desdobramentos da Educação Física Escolar e Esportiva

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D449 Desdobramentos da educação física escolar e esportiva [recurso eletrônico] / Organizador Adalberto Ferreira Junior. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-58-1
DOI 10.22533/at.ed.581181510

1. Educação física para crianças. 2. Psicomotricidade. I. Ferreira Junior, Adalberto.

CDD 613.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os professores da Educação Física Escolar adquirem conhecimento por meio de um conjunto de disciplinas. Este conhecimento é utilizado principalmente para a formação do cidadão, e para inserir, adaptar e incorporar o aluno a prática corporal. Sendo assim, é necessário conhecer as ciências humanas, ciências sociais, ciências biológicas, psicologia, educação, lazer/recreação, ginástica, entre outras disciplinas.

A obra “O desdobramento da Educação Física Escolar” é um e-book composto por 11 artigos científicos, dividido em duas partes. A primeira intitulada “Aspectos das ciências sociais, educação e psicologia relacionados à Educação Física” apresenta reflexões sobre diversas temáticas como aspectos históricos, processo ensino-aprendizagem, psicomotricidade, imagem corporal, entre outras. A segunda parte intitula-se “A Educação física visando a qualidade de vida e a saúde” e apresenta reflexões com ênfase no exercício físico, qualidade de vida e esporte.

Este e-book reúne autores de todo o Brasil e de várias áreas do conhecimento. Os artigos abordam assuntos de extrema importância na Educação Física construindo assim um referencial sólido e diversificado, visando disseminar o conhecimento e promover reflexões sobre os temas investigados.

Por fim, desejo a todos uma excelente leitura

Adalberto Ferreira Junior

SUMÁRIO

EIXO 1: " ASPECTOS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA RELACIONADOS À EDUCAÇÃO FÍSICA"

CAPÍTULO 1 1

A HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA: POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS PARA A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Renan Felipe Correia

Alex Natalino Ribeiro

João Francisco Barbieri

CAPÍTULO 2 11

A NOÇÃO DE *CRISE* DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Alex Natalino Ribeiro

Renan Felipe Correia

Douglas Vinícius Carvalho Brasil

Odilon José Roble

CAPÍTULO 3 23

A SEMIÓTICA E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

Alex Natalino Ribeiro

Renan Felipe Correia

Douglas Vinícius Carvalho Brasil

CAPÍTULO 4 29

CONHECIMENTO CONCEITUAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO INFANTIL: PSICOMOTRICIDADE EM FOCO

Luís Felipe Rodrigues

Cássio José Silva Almeida

Marcela Fernanda Tomé de Oliveira

Gustavo Lima Isler

Maria Cândida de Oliveira Costa

CAPÍTULO 5 46

IMPORTÂNCIA DOS JOGOS COOPERATIVOS COM ALUNOS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: UMA PROPOSTA PARA APLIAR A PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA

Cássio José Silva Almeida

Marcela Fernanda Tomé de Oliveira

Luís Felipe Rodrigues

Gustavo Lima Isler

Denis Juliano Gaspar

CAPÍTULO 6 58

FORMAÇÃO ESPORTIVA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: ENTRE A AGRESSIVIDADE E A VIOLÊNCIA

Fabiano Dias

Greice Kelly de Oliveira

Elisabete dos Santos Freire

Simone Tolaine Massetto

CAPÍTULO 7	78
A AUTOIMAGEM CORPORAL DA PESSOA AMPUTADA MEDIANTE O AVANÇO DA TECNOLOGIA	
<i>Astor Reis Simionato</i>	
<i>Marina Teixeira Costa</i>	
<i>Leandro Oliveira da Cruz Siqueira</i>	
<i>Leandro Reginato de Oliveira Galvão</i>	
<i>Aghata Regina de Oliveira Alves Palmeira</i>	
<i>Juliana Lôbo Froio</i>	
<i>Afonso Antônio Machado</i>	
CAPÍTULO 8	88
POR UM TRATAMENTO MAIS FLUIDO DO TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO/ HIPERATIVIDADE	
<i>Naiara Perin Darim</i>	
<i>Patrícia da Silva Fucuta</i>	
EIXO 2: "A EDUCAÇÃO FÍSICA VISANDO A QUALIDADE DE VIDA E SAÚDE"	
CAPÍTULO 9	94
A INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO FÍSICO NA QUALIDADE DE VIDA É DIFERENTE ENTRE HOMENS E MULHERES?	
<i>Adrielly dos Santos</i>	
<i>Wanderson Roberto da Silva</i>	
<i>Juliana Alvares Duarte Bonini Campos</i>	
CAPÍTULO 10	107
CAPACIDADE FUNCIONAL E PERFIL DE HUMOR DE MULHERES SOBREVIVENTES AO CÂNCER DE MAMA	
<i>Fernanda Zane Arthuso</i>	
<i>Carmen Maria Bueno Neme</i>	
<i>Carlos Eduardo Lopes Verardi</i>	
CAPÍTULO 11	122
SLACKLINE NA ESCOLA	
<i>Iago Dezena Tesche Martins</i>	
<i>Josvania Panetto</i>	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	136

A SEMIÓTICA E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

Alex Natalino Ribeiro

Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Grupo de Pesquisas em Filosofia e Estética do Movimento
Campinas – São Paulo

Renan Felipe Correia

Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Grupo de Pesquisas em Filosofia e Estética do Movimento
Campinas – São Paulo

Douglas Vinícius Carvalho Brasil

Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Laboratório de Estudos em Pedagogia do Esporte
Campinas – São Paulo

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo levantar algumas questões a respeito da formação do sujeito contemporâneo. De que forma este sujeito se relaciona com o mundo a sua volta e em qual medida esse mundo colabora ou determina a produção de uma realidade individual e coletiva. São os signos culturalmente construídos que permitem a construção desta realidade, constituindo, por exemplo, em uma sociedade capitalista indivíduos desvinculados de suas próprias compreensões do real. Assim, pretendemos estabelecer um ponto de partida que busca se aproximar e melhor compreender o que se defende na área de Educação Física,

propriamente na Pedagogia do Esporte acerca de sua noção de *formação integral do indivíduo*.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física, Cultura, Sujeito, Sociedade

ABSTRACT: The present work aims to make some considerations about what to do. How this individual relates to the world around him and to what extent this world collaborates or determines a production of an individual and collective reality. They are constructed culturally constructed that allow the construction of this reality, constituting, for example, a capitalist society, unrelated to its nature, understandings of the real. Thus, we intend to establish a starting point that seeks to get closer and better understand what is defended in the area of Physical Education, properly in the Sports Pedagogy about its notion of *integral formation of the individual*.

KEYWORDS: Physical Education and Training, Culture, Subject, Society

1 | INTRODUÇÃO

Tendo em vista que o ser humano se constitui unicamente como tal quando inserido em um contexto sociocultural, no qual a cultura pode ser definida como “as formas materiais e espirituais com que os indivíduos de um grupo

convivem, nas quais atuam e se comunicam e cuja experiência coletiva pode ser transmitida através de vias simbólicas para a geração seguinte” (OSTROWER, 1978, p. 13). Acreditamos que a cultura, o contexto cultural, possibilita ao ser humano um desenvolvimento tanto no âmbito, no que se convencionou chamar, individual como no coletivo (social).

Podemos inferir ainda, que a relação entre os seres humanos e *as formas materiais e espirituais*, o modo mesmo que tais signos¹ virão a ser interpretados, irá proporcionar a cada um conceber-se enquanto indivíduo pertencente de um todo social. Compreendendo suas particularidades individuais e coletivas, percebendo que mesmo inseridos em um complexo sistema sociocultural, seus desejos, suas vontades, suas ideias, suas concepções não são meramente produtos desse todo social, mas são também constituídos por uma subjetividade individual única.

No entanto, ao observarmos que “a cultura serve de referência a tudo o que o indivíduo é, faz, comunica, à elaboração de novas atitudes e novos comportamentos” (OSTROWER, 1978, p. 12), será que, dado todos os processos, as revoluções pelas quais o ser humano passou e vem passando, em decorrência de todas as transformações culturais que tais processos e revoluções proporcionaram, é possível afirmar que, como dito anteriormente, mesmo pertencendo a um todo social, podemos nos constituir como seres individuais detentores de uma subjetividade particular? Ou, em que medida nossas decisões, nossas vontades, nossas opiniões estão mais relacionadas com uma cultura transmitida por gerações anteriores, do que com a interpretação que fazemos do mundo e da realidade que nos apresenta?

Segundo Ostrower (1978, p. 22), podemos compreender este processo de “desenvolvimento” cultural da seguinte forma:

O homem usa palavras para representar as coisas. Nessa representação, ele destitui os objetos das matérias e do caráter sensorial que os distingue, e os converte em pensamentos e sonhos, matéria-prima da consciência. Representa ainda as representações. Simboliza não só objetos, mas também idéias e correlações. Forma do mundo de símbolos uma realidade nova, novo ambiente tão real e tão natural quanto o do mundo físico.

Assim, cada sociedade a seu modo cria sua realidade² própria, seus tabus, suas leis e convenções às quais cada cidadão, a fim de pertencer à determinada sociedade, irá se adequar. O que não implica em dizer que o indivíduo, integrando esta realidade social, não poderá criar, de certo modo, sua própria realidade ou interpretações desta realidade.

O sujeito, em relação à sociedade, estaria, talvez, como um observador do quadro de Diego Velázquez: *Las Meninas*- 1656, em uma relação na qual “a invisibilidade profunda do que se vê é solidária com a invisibilidade daquele que vê” (FOUCAULT, 1999, p. 20). Em um processo que, permitindo à sociedade produzir seus signos, não exclui a possibilidade do sujeito de interagir com o real e dele extrair representações que determinem sua própria noção de realidade, a sua própria representação-compreensão destes signos. Visto que, “tudo se molda segundo ideias e hábitos

particulares ao contexto social em que se desenvolve o indivíduo”, pode-se afirmar que “os valores culturais vigentes constituem o clima mental para o seu agir (...) representando a individualidade coletiva de cada um, a consciência representa a sua cultura” (OSTROWER, 1978, p. 16).

Tudo o que o quadro (a sociedade) representa só se torna possível por estar o observador (indivíduo) também representado no quadro. Ao mesmo tempo em que observo o quadro eu também sou observado. Poderia afirmar, ainda, que sou também um quadro e que todos naquele momento me observam percebendo qual seria minha representação. Nesse sentido, o pintor está atento em verificar meus gestos para retratá-los em outro quadro. Em outras palavras, em uma relação análoga, eu, enquanto indivíduo, observo e sou observado por um todo social e dessa relação ambos, a partir da representação dos fenômenos³ que nos apresentam, criamos nossa própria realidade que se interagem e se reproduzem, criando novas representações e novos signos, visto que, “faz parte da própria forma lógica de geração do signo que ela seja a forma de um processo ininterrupto, sem limites finitos” (SANTAELLA, 2000, p. 18).

De fato, o indivíduo se sente contemplado com a noção de realidade culturalmente produzida e “ao se tornar consciente de sua existência individual” irá “conscientizar-se também de sua existência social” (OSTROWER, 1978, p. 16). Porém, caso não se torne *consciente de sua existência individual*, como este indivíduo fará parte ou se conscientizará *de sua existência social*?

Hodiernamente, entre outros comportamentos peculiares ao nosso tempo, podemos observar uma busca quase que incessante pela informação. Estar informado é fazer parte do mundo e nele estar de um modo crítico e não alienado. Uma busca em certa medida produzida pelos meios de comunicação que, movidos por preceitos mercadológicos, como afirma Farina (2007, p. 16), produzem “textos, que são filtrados por interesses corporativos e por motivações que originam as pautas, desenvolvem-se enunciados visuais que (...) vendem ideias falsas.” Para o autor, os interesses corporativos vão além dos meros interesses comerciais, a comunicação midiática, compreendida como um sistema amplo, atua legitimando conceitos que, no imaginário⁴ social, fundarão suas ideologias. “Em muitos aspectos trata do real como um juízo e numa ideia estereotipada direciona-se para a opinião pública como se a conhecesse intimamente” (FARINA, 2007, p. 17).

Em uma sociedade capitalista esse talvez seja o principal mecanismo pelos quais se orientam as representações. Nossas representações não se originam da relação objeto-signo, elas são criadas com finalidades específicas:

Aquele que comprou um quarto de noqueira no Dubonbois ou alguns aparelhos domésticos de série, aquele que realizou isso como seu sonho e como promoção social, sabe todavia, pela imprensa, o cinema, a televisão, que existem no mercado interiores “harmonizados”, “funcionalizados”. Ele o experimenta certamente como um mundo de luxo e de prestígio do qual se acha quase inexoravelmente separado pelo dinheiro, mas do qual não o separa mais hoje nenhum estatuto jurídico de

O imaginário social criado por toda a lógica capitalista, influencia no surgimento de um modelo cultural que, servindo de “referência a tudo o que o indivíduo é, faz, comunica, à elaboração de novas atitudes e novos comportamentos” (OSTROWER, 1978, p. 12), irá, a seu modo, efetivamente elaborando meios para sua manutenção e perpetuação. O que implica em dizer que o sistema se realimenta a cada geração, pois, se a experiência e a memória nos dá a noção que temos do real, sendo nossas experiências baseadas na mera lógica do status pelo consumo, a cada geração tal experiência estará cada vez mais inscrita em nossa memória, mais naturalizada, mais real.

Tal afirmação pode ter um caráter determinante fatalista, porém nesses vários processos de construção do real a cultura não está isenta de alteração e nenhuma sociedade resguardada de transformações pois o ser humano, ao se relacionar com as *coisas*, “abre a realidade para si mesmo e por sua vez se abre para ela, quando introduz a si próprio e o mundo neste *médium dútil*, no qual os dois mundos não só se tocam, mas também se interpenetram” (CASSIRER, 1972, p. 24).

Nesse aspecto, voltando à questão anteriormente proposta, a saber, mesmo pertencendo a um todo social, podemos nos constituir como seres individuais detentores de uma subjetividade particular? Talvez, podemos acreditar que isso só seja possível com o desenvolvimento de uma interpretação da realidade que não seja intermediada por interesses enviesados, mas, para tanto, “depende-se de um repertório prévio que atribua conceitos para a experiência dessa realidade percebida” (FARINA, 2007, p. 15).

2 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Costumes, comportamentos são transmitidos de geração para geração. Alguns representam tradições seculares ou mitos fundadores que se confundem com a própria história do ser humano. Outros criam esse status como que por um passe de mágica, como é o caso da figura do papai noel por exemplo. Se perguntarmos, poucas pessoas nos dariam quaisquer informações sobre o que de fato é papai noel, no entanto, muitos nos diriam qual é sua função, a mensagem que ele traz, enfim, surgiriam diversos relatos sobre a representação do signo “papai noel”. Esse mesmo aspecto pode ser observado com diversos hábitos mais corriqueiros que adquirimos no decorrer da vida, ou nos é culturalmente apresentado. Dentre estes últimos, destacam-se aqueles que, seria mais adequado classifica-los como: culturalmente impostos, por exemplo, de modo algum não deixa de causar estranhamento ou não é “permitido” a um brasileiro não torcer pela seleção brasileira de futebol; não gostar de samba, entre outros hábitos.

Deste modo, não se espera que um indivíduo possua características que não

nos permita identifica-lo segundo o seu local de origem. Caracterizando uma espécie de determinismo que não se identifica somente na esfera dos costumes corriqueiros, mas de um modo geral em todas as esferas da vida do ser humano contemporâneo que, guiado por uma noção equivocada, acredita viver uma realidade dada, imutável, se integrando a um todo social, assim, perdendo cada vez mais suas características enquanto indivíduo.

Ao rompermos com esse determinismo cultural, torna-se possível, mesmo inseridos nesse todo social, estabelecermos parâmetros de análise que nos permitam desvelar o que há por traz da representação de cada signo culturalmente construído. Porém, tal rompimento só se realiza se formos capazes de compreender tais fenômenos para além do estereótipo social, ou seja, sabendo que a percepção se dá nas mais diversas linguagens, que a realidade, a seu modo, assim como a arte, é polissêmica, isto é, não é possível determos todos os seus sentidos, só seremos capazes de nos caracterizarmos como indivíduos que participam da criação de sua realidade unicamente com base no desenvolvimento de um repertório que nos possibilite tal desígnio.

3 | NOTAS

¹ “Um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo” (PEIRCE, 1977, p. 46).

² “A visão realista do mundo conta sempre, como firme substrato de semelhante explicação, com a realidade dada, a qual ela pressupõe estar em alguma construção definida, em uma estrutura determinada. Aceita esta realidade como um todo de causar e efeitos, de coisas e propriedades, de estado e processos, de configurações estáticas e em movimento, e só pode perguntar-se qual destes componentes foi captado primeiro por uma forma espiritual, pelo mito, pela linguagem ou pela arte” (CASSIRER, 1972, p. 25).

³ Tudo aquilo que se apresenta à percepção do sujeito. A realidade quando percebida se torna um símbolo.

⁴ Imaginários é a materialização, na cultura, de cada imaginação individual.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean *O Sistema dos Objetos*. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. 5. Ed.

São Paulo: Perspectiva, 2009.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e Mito*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

FARINA, Mauricius Martins. Semiose de um paradoxo comunicativo. *Mediação*, Belo Horizonte: FUMEC, v. 7, n. 6, p. 13-21, jan./jul. 2007.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANTAELLA, Lucia. *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Cengage Learning, 2000.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1978.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-58-1

